

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos	
Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos	
Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus	
Ana Lúgia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENSENTO	
Vítor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA *PROPAGANDA FIDE INQUISITORIAL*

Data de aceite: 31/01/2020

Geraldo Pieroni

geraldopieroni@yahoo.com

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

RESUMO: Quais as ferramentas teóricas fundamentais para captar nas imagens da Inquisição os significados da propaganda produzida por uma instituição coercitiva? Como analisar estas imagens inseridas no tempo em que elas foram produzidas? Como os estudos iconológicos podem contribuir para a apreensão histórico-cultural de uma determinada época? Sob estes enfoques serão analisados alguns elementos do sistema simbólico das armas da Inquisição que por meio de representações da cruz, da espada, do ramo de oliveira apresentam um testemunho iconográfico que pode trazer em si uma dose de mistério. Por vezes este segredo mostra-se indecifrável ou aponta um quê de transcendência que não se deixa revelar numa primeira leitura, ou quem sabe nunca se revele plenamente. Com a intenção de defender a sua doutrina, a Inquisição serviu-se de imagens e símbolos para robustecer a ortodoxia da fé, propagando em Portugal e nas possessões ultramarinas uma verdadeira

pedagogia salvacionista. Temporalidades e contextos culturais específicos indicam que as possibilidades interpretativas de uma determinada gravura não se esgotam apenas num olhar. Ela mantém sigilos que se manifestam na percepção de cada leitor.

PALAVRAS-CHAVE:

Inquisição; imagens; poder; temporalidade

A percepção de variações na velocidade do tempo é mensurada em função do ritmo menos ou mais acelerado nas mudanças que se tornam compreensíveis ou sentidas pelas pessoas. A ideia de “duração do tempo” caminha paralelamente com a sensação de “mudança”, permanência, ruptura e continuidade.

Atualmente com as novas tecnologias da comunicação, perspectivas inovadoras a respeito da dinâmica das temporalidades questionam: existe um tempo específico para se refletir sobre os procedimentos comunicacionais?

Vivemos em uma época fluida (Bauman, 1999) na qual o tempo perde a sua espessura de passado, presente e futuro. O mundo contemporâneo nos apresenta a fórmula de uma nova categoria de historicidade que se concentra no tempo presente. Na contemporaneidade experimenta-se o tempo ininterrupto: “tudo

passa a durar, durando eternamente” (Barbosa, 2017, p. 21). O presentismo, o eterno presente, é caracterizado pelo movimento contínuo da informação. A cadência das narrativas midiáticas é sobrepujada pela lógica apressada que abaliza o mundo contemporâneo.

A contemporaneidade, segundo Agamben “é a singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (Agamben, 2009, p. 59). O autor prossegue ressaltando que o contemporâneo é aquele que mantém determinado o olhar em seu próprio tempo, para nele enxergar não as luzes, mas a sua escuridão. Quando o indivíduo consegue se referir ao seu tempo, necessariamente deve enxergar um ponto de cisão, uma fratura no desenrolar da história. E é desse ponto de ruptura que pode lançar um novo olhar não só para o seu tempo, como também para o passado:

isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (Agamben, 2009, p. 72)

A contemporaneidade, portanto, pode ser envolvida como uma afinidade na qual o indivíduo se compromete com o seu tempo, ou com qualquer outro tempo sobre o qual se debruça identificando no desenrolar da história pontos de cisão e, a partir deles pode neutralizar o brilho que tudo aquilo que é novo e moderno emite, para enxergar suas trevas. É também o contemporâneo que, conhecendo o escuro do seu tempo, pode voltar-se *para o passado* e questioná-lo quanto às suas consequências.

No que concerne ao dinamismo das mudanças e permanências sociais, o tempo é o objeto da história por excelência. A Nova História apresenta uma concepção do tempo histórico que rompeu com os padrões cronológicos e lineares da temporalidade. A Escola dos *Annales*, por intermédio de Fernand Braudel, enfatiza o tempo longo, a longa duração que se refere às mudanças que acontecem muito lentamente.

O tempo histórico de Fernand Braudel centraliza-se na percepção entre a mudança – o fato, o evento – e a permanência – na longa duração onde estão os seres humanos comuns, anônimos, em seu cotidiano. Faz emergir aqueles que, na escuridão e no anonimato, passaram despercebidos na História. São eles os personagens antes desprezados, abandonados e desconhecidos, como as mulheres, os pobres, os marginais; os réus perseguidos pela Inquisição, que nos permitiu mergulhar em tempos passados nos quais o acontecimento, a mudança, para ser percebido, deve surgir da permanência, do tempo longo, das prisões da longa duração, como expressou Braudel¹.

¹ Braudel analisa o tempo histórico principalmente em duas de suas obras: *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* – primeira edição de 1949 e segunda de 1966 (Braudel, 1984) – e *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*, de 1979 (Braudel, 1996).

Nesta perspectiva do tempo longo braudeliano, fundamentamos o nosso artigo intitulado: Imagem, comunicação e temporalidade na *Propaganda Fide* inquisitorial. Adentrando nos tempos da Inquisição Ibérica (sobretudo entre os séculos XVI-XVIII), percebemos que o poder do Estado e da Inquisição está envolvido em todo um discurso, seja ele verbal, gestual ou imagético, que desempenha um papel no interior de um sistema estratégico. Para Foucault o discurso liga-se e serve uma determinada estratégia de poder. Portanto o discurso enquanto saber, sempre remete a estratégias de poder, exercidas efetivamente na história. O poder não está somente aqui ou ali, ele está por todo o lugar que o homem conheça mesmo que nunca por lá tenha passado, porque o poder é toda manifestação de relações de força (Oliveira, 2014).

A legitimidade do Tribunal inquisitorial se organizava em torno da sacralidade de sua fundação. A inspiração divina de sua ação justificava a sua utilidade espiritual, social e política. Para os juízes da fé era evidente que sem o Santo Ofício, o mundo cristão seria infestado pela heresia e conseqüentemente regido pelas forças do mal. A heterodoxia corrompia a fé e suscitava a confusão das ideias e doutrinas estabelecidas, o que provocava a desagregação do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja: a ordem da concepção do cosmo se fundamentava na harmonia da criação; fora deste ponto de vista, tudo é desordem. A aplicabilidade das penas, ainda que pautadas por extremo rigor, era interpretada como possibilidade de reparação das faltas cometidas. A ofensa a Deus através do pecado podia ser redimida somente por intermédio de uma penitência.

A manutenção da ortodoxia católica se expressava visivelmente nas leis, mas também nas representações iconográficas, tal como o *slogan* da Inquisição que funcionava como pujante imagem de propaganda da instituição. Evidentemente, o significado de propaganda no século XVI, como vimos, era bem diferente daquilo que hoje chamamos de *marketing* ou *mass media*. No entanto, já naquela época, a Inquisição utilizava a propaganda política como um vasto repertório de práticas culturais escritas, orais, imagéticas, rituais ou performáticas, que representam prescritivamente, segundo uma orientação teológico-política, a ordem hierárquica do corpo místico. Portanto,

é importante evitar a associação anacrônica do uso do termo propaganda nos séculos XVI, XVII e XVIII com os sentidos (de *marketing*) que ele assumiu na contemporaneidade. A palavra deve ser assumida, aqui, na sua etimologia latina, que advém de *propagatio*, significando, figurativamente, extensão, aumento ou prolongamento. A propaganda, assim entendida, deve significar ações, práticas e discursos cujos efeitos devem ser o de aumento da adesão em torno de determinados valores, irradiando-os ao todo que compõe uma comunidade – no caso, política – em expansão (...). O conceito chave para a compreensão do que estamos chamando de propaganda política é o de representação (Pieroni, 2013, pp. 5-7).

Nesse sentido, como nos sugere Amaral Luz (2007), os instrumentos catequéticos, procissões, sermões, cartas, festividades civis e religiosas, teatro, sátiras, estandartes e pinturas no interior das igrejas, além de muitas outras formas retórico-poéticas, artísticas e performáticas podem se configurar como instrumentos de propaganda, cuja meta era exatamente justificar o poderio da instituição e a sua

unicidade ideológica. Entre jesuítas, dominicanos e franciscanos do século XVII, os pregadores se utilizavam de estratégias apelativas diversas para sensibilizar a multidão e convertê-la aos dogmas da fé católica:

muitas vezes, quando o sermão se aproximava do fim, punha na cabeça uma coroa de espinho e com uma disciplina férrea começava a bater nas costas desnudadas. Não contente com isso, com um pedaço redondo de cortiça metido numa caixa de lata, reforçada com alfinetes e agulhas, batia com força no peito, fazendo jorrar o sangue abundantemente diante de uma multidão que chorava e implorava misericórdia. Em seguida, em muitos lugares, também essa multidão se penitenciava (...). Os efeitos eram espetaculares: confissões gerais, inúmeras conversões, pazes entre famílias e famílias, entre países e países, o fim do jogo e das canções obscenas (Morán, 1995, pp. 124-125).

Em nosso estudo, o vocábulo propaganda é aplicado figurativamente enquanto extensão, aumento ou prolongamento. A propaganda, nesta chave de leitura, deve significar ações, comportamentos, práticas e discursos cujos resultados devem ser o de acréscimo da concordância em torno de certos valores, irradiando-os ao todo que compõe uma comunidade. No caso era a Inquisição enquanto prolongamento do poder do Rei e da Igreja, que atuava como protagonista deste discurso em expansão. O célebre lema do Santo Ofício: *Misericórdia et Justitia*, juntamente com as indumentárias que o acompanha é, por exemplo, pleno de significados propagandísticos. Estas palavras estavam dispostas acima das armas que representavam a instituição: no meio uma cruz, à direita um ramo de oliveira, e à esquerda uma espada.

A coroa real encabeçava o emblema: símbolo da supremacia do monarca. Acima da cruz e da espada, da Igreja e do Reino, estava o rei: a Inquisição foi um Estado dentro do Estado (Marques, 1978, p. 209). É por esta razão que os seus Regimentos estavam de acordo com as Ordenações do Reino. Não obstante as diferenças, a Igreja e a Monarquia caminhavam juntas, lutando contra os desvios sociais, políticos e religiosos.

As referências do sistema de representações das Inquisições sob o enfoque da emblemática não foram ainda exploradas suficientemente, “são sempre bastante magras e seria necessário aprofundar os seus aspectos mais enigmáticos” (Bethecourt, 1994, p. 11).

Os elementos do sistema simbólico das armas da Inquisição mostram a natureza e os objetivos do Santo Ofício.



Figura 1 - Armas da Inquisição

Para os estudiosos dedicados à Inquisição, as análises imagéticas despertam interesse especial. Historiadores reconhecem que a Iconografia enquanto disciplina que estuda sistematicamente as questões em torno do conteúdo das obras de arte, por oposição à forma, pode trazer novas contribuições aos métodos históricos. Entre os principais domínios da Iconografia, podem citar-se, por exemplo; a identificação das fontes de inspiração para a imagem, a análise da contaminação das formas e dos significados provenientes de outros contextos, e o estudo dos significados simbólicos, profundos e intrínsecos da própria imagem, sendo este nível de leitura mais adequadamente denominado de Iconologia. A história da Iconografia, enquanto método, é indissociável da Iconologia, como veremos mais adiante (Rodrigues, 2014).

Para os especialistas em comunicação e linguagem, a iconografia tem um papel midiático fundamental. Nesse sentido, Jane Rita Silveira sinaliza que

seja do ponto de vista da semiótica, e das várias abordagens teóricas fundamentadas em códigos, seja do ponto de vista das teorias cognitivas, a imagem tem sido amplamente estudada na área de linguagem e comunicação. Entre as vantagens de um texto constituído por imagens, de acordo com alguns teóricos, destaca-se o fato de ele ser universal, pois vence a barreira da linguagem, podendo, através de um entendimento imediato, ser compreendido por pessoas de língua e cultura diversas. Outra vantagem, comumente apontada, é a de que a imagem permite uma leitura em menos tempo do que o requerido pelo texto escrito, tornando-a atraente aos potenciais leitores (Silveira, 2005, pp. 113-128).

Para a pesquisadora do Instituto Francês de Ciências da Informação e Comunicação, Martine Joly a imagem está condicionada a múltiplos significados. A autora apresenta, entre outros fatores, o prazer estético e comunicativo na análise de obras constituídas por imagem e evidencia que a desconstrução desta permite aguçar o sentido da observação e do olhar, aumentando as informações na recepção espontânea das obras (Joly, 1996).

Qual a intenção da propagação das imagens inquisitoriais? Sperber e Wilson (1995) ao construírem a teoria da Relevância, constataram que a interpretação de um

discurso é extremamente dependente do contexto, no sentido de que este intervém para recuperar adequadamente, através de processos inferenciais, a intenção pretendida pelo comunicador. Nesse sentido, o cenário histórico em que a imagem foi produzida representa o conhecimento e a visão de mundo de que os interlocutores são portadores, através de suas representações mentais.

Observando atentamente os signos e palavras do lema inquisitorial centralizado na cruz cristã, é possível buscar uma explicação primeira sobre esta origem.

Para Gilbert Durand, no livro *A imaginação simbólica* (Durand, 1988), quando uma imagem é apresentada não objetivamente e sim por meio de símbolos, ela deixa aberta a leitura da sua significação. Tais imagens se bastam a si próprias e trazem em si mesmo um significado.

A mensagem que carrega em si exige uma imanente transcendência, nunca explícita, mas sempre ambígua e geralmente redundante. O símbolo designa a melhor expressão para algo desconhecido que se subtrai à apreensão conceitual sendo, portanto, passível de captação e expressão mediante a imaginação simbólica, que para Durand é a apreensão do símbolo que, por sua vez, é a própria manifestação do sagrado, a epifania de um mistério (Durand, 1998, p. 15).



Figura 2 – Emblema da Inquisição

O emblema da Inquisição, rodeada com a citação da Sagrada Escritura: “Levantai-vos, ó Deus, defendei a vossa causa” (Sl. 73:22). Adrian Schoonebeck, gravura publicada no livro de LIMBORCH, Philip Van. **Historia Inquisitionis**. Amsterdã, 1692, p. 370.

Umberto Eco demonstra que o filósofo Agostinho de Hipona foi o primeiro, no âmbito cristão, a manifestar por escrito os argumentos teóricos dos signos entendidos como símbolos que nos remetem a determinada mensagem, por exemplo, a cruz, para o cristianismo; a balança significando justiça. O que um símbolo causa em nossos sentidos? A Semiótica, escreve Eco, é um objeto de estudo já existente há muitos séculos, no entanto, passou a ser estudada de uma maneira incisiva e profunda nas

últimas décadas. Os símbolos principais da Inquisição nos remetem à ideia de algo pulsante de significado e comunicação. Nada é apenas o que se mostra. O visível é uma pequena parte do amplo rastro invisível que tudo contém. Saber enxergar é ver o mundo com mais espaços, cores, formas e sentidos (Eco, 1991).

A cruz² é o símbolo da morte de Cristo e da redenção da humanidade. O ramo de oliveira, a misericórdia e a espada, o castigo. A cruz, elemento que é fonte de legitimidade da *praxis* inquisitória, é o ponto mais alto do sacrifício redentor que os hereges menosprezaram. Espada e ramos de oliveira expressam, por um lado, o perdão e a reintegração dos arrependidos, por outro lado, a exclusão e a penitência aplicada aos desviantes do catolicismo (Bethecourt, 1994, p. 79).

A cruz do cristianismo endossada no emblema é uma absorção do simbolismo arcaico e universalmente difundido da Árvore do Mundo. Este mito cosmogônico, de acordo com Mircea Eliade (2010, pp. 170-171), relata que foi através do *Òpó-îrun-oún-âiyé* – o pilar que une o mundo transcendente ao imanente –, lugar onde os deuses primordiais chegaram para iniciar o processo de criação do espaço material. Este pilar – muitas vezes simbolizado pela árvore ou por seu tronco – é uma figura de origem, é um signo do fundamento, do princípio de todas as coisas, elemento de conexão entre a multiplicidade dos “mundos”. Mircea Eliade denominou-a de “Árvore do Mundo”, “Axis Mundi”, “Árvore Cósmica”. Para boa parte das tradições místicas e religiosas, os “mundos” dividem-se nos espaços inferiores ou infernais, intermediários ou terrestres e superiores ou celestes. A concepção católica cristã ainda compreende a existência de outros “territórios”, como o purgatório ou o limbo.
Para Eliade,

ainda mais ousada é a assimilação pela imaginária, pela liturgia e pela teologia cristã do simbolismo da Árvore do Mundo. Também neste caso estamos às voltas com um símbolo arcaico e universalmente difundido. (...) a imagem da Cruz como Árvore do bem e do mal, e Árvore Cósmica, tem origem nas tradições bíblicas. É, porém, pela Cruz (= o Centro) que se opera a comunicação com o céu e que, ao mesmo tempo, é ‘salvo’ o universo em sua totalidade. Ora, a noção de salvação nada mais faz do que retomar e completar as noções de renovação perpétua e de regeneração cósmica, de fecundidade universal e de sacralidade, de realidade absoluta e, finalmente, de imortalidade, noções coexistentes no simbolismo da Árvore do Mundo. (Eliade, 2010, p. 171).

2 Muito antes de Jesus, a cruz já era portadora de significado religioso, como o encontro do Céu e da Terra, a confluência das forças cósmicas, ou ainda, a promessa de vida, para os antigos egípcios.



Figura 3 - Escudo da Inquisição (Anales judaicos de Mallorca, 1972). Catalão: gravura em madeira. Guasp Press, Mallorca. Século XVII. Digitalizado dos Anales judaicos de Mallorca, publicados em 1972.

Mircea Eliade acrescentou ainda que o cristianismo se apropriou desse simbolismo da Árvore do Mundo interpretando-a e alargando esta alegoria: “a cruz feita de madeira da Árvore do Bem e do Mal, toma o lugar da Árvore Cósmica; o próprio Cristo é descrito como uma árvore (Orígenes)” (Eliade, 1979, p. 157). A cruz é evocada

como uma árvore que sobe da terra aos céus. Planta imortal, ela ergue-se no centro do Céu e da Terra: firme sustentáculo do universo, o elo de todas as coisas, suporte de toda a terra habitada, entrelaçamento cósmico, contendo em si toda a variedade da natureza humana. (Lubac, 1951, p. 57)

Este conceito originário é ainda hoje cantado no rito bizantino que

no dia da exaltação da Santa Cruz, a árvore da vida plantada no Calvário, a árvore sobre a qual o Rei dos séculos operou a nossa salvação, a árvore que, saindo das profundezas da Terra, se elevou no centro da Terra e santifica até aos confins do universo. (Lucac, 1951, p. 66)

A Imagem da Árvore Cósmica conserva-se pura: muito provavelmente o protótipo dever-se-ia procurar na Sabedoria que, segundo os Provérbios, III, 18, é uma árvore de vida para os que a apreendem. Esta Sabedoria, segundo a interpretação do jesuíta e teólogo Henri-Marie de Lubac, “para os judeus será a Lei; para os cristãos será o Filho de Deus” (Lubac, 1951, p. 67).



Figura 4 - Representação da Cruz como árvore da vida

Raniero Cantalamessa evidencia a utilização bíblica do arquétipo da árvore presente na história da salvação. O Antigo Testamento a apresenta como imagem no Jardim do Éden, como árvore da vida e árvore do conhecimento do bem e do mal,

diante da qual se consuma a rebelião; no Deuteronômio, onde significa maldição (Aquele que é pendurado no madeiro é objeto de maldição divina); na madeira da Arca de Noé; no bastão com o qual Moisés golpeou as águas do Mar Vermelho e no arbusto com que transformou em água potável as salobras águas de Mara (Cantalamessa, 2010, pp. 203-204).

Emmir Nogueira (2007) ressalta que a árvore da vida representa não somente um ícone:

não mais em figura, mas como uma realidade histórica? Representa o instrumento de sua condenação, de sua total destruição como homem, o ponto mais baixo de sua kénosis. (...) E o que representa a cruz à luz da ressurreição? (...) É o lugar (...) onde o novo Adão disse sim a Deus por todos e para sempre. Onde o novo Moisés, com o madeiro, abriu o novo Mar Vermelho e, com sua obediência, transformou as águas amargas da rebelião nas águas doces da graça e do batismo. Onde "Cristo nos resgatou da maldição da lei fazendo-se por nós maldito" (Gl 3,13). A cruz é força de Deus e sabedoria de Deus (I Cor 1,24). É a nova árvore da vida plantada no meio da praça da cidade (Cf. Ap 22,2). (Nogueira, 2014, p. 22)



ESTANDARTE DA INQUISIÇÃO.

Figura 5 – Estandarte Inquisitorial

No estandarte inquisitorial, o lema permaneceu o mesmo, no entanto, algumas vezes, a cruz foi substituída por São Domingos, o fundador da Inquisição, no século XIII. O estandarte da Inquisição de Goa retratava São Domingos no centro segurando o ramo de oliveira e a espada. A oliveira até hoje mantém a sua significação original enquanto símbolo da paz, da fecundidade, mas também da força e da vitória. No cristianismo tem ainda a conotação que inspira a ideia de templo de Deus, de sagrado cujas portas são de oliveira dourada. Em geral simboliza nas culturas religiosas o lugar do descanso, a bem-aventurança e o paraíso dos eleitos (Schlesinger, 1983, p. 274). A espada para os inquisidores representava a palavra em seu duplo aspecto: destruidor e construtivo associada à ideia de visão clara, luminosa, sem qualquer teor heterodoxo e, portanto, a espada representa o instrumento da justiça e do poder de Deus.



Figura 6 - Estandarte Inquisição de Goa (Schoonebeck, 1962, p. 370). Estandarte Inquisição de Goa utilizado nas procissões da Inquisição portuguesa, mostrando os símbolos e o lema da Inquisição: “misericórdia e justiça”. Adrian Schoonebeck, gravura publicada no livro de LIMBORCH, Philip Van. **Historia Inquisitionis**. Amsterdã, 1692, p. 370.

São Domingos é representado no estandarte em estilo teatral e retórico, que anunciava a consciência da necessidade de convencer o espectador e tinha o caráter propagandístico para a Igreja católica. Representar São Domingos significava associá-lo aos seus atributos invocando as intenções da Ordem dominicana: a salvação dos pecadores. No estandarte se percebe, além das indumentárias já citadas, a figura de um cão tendo à boca uma tocha acesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crença na força da imagem na manipulação de comportamentos, formação de atitudes e gestão de mentalidades é uma prática antiga, conduzida por vieses diversos, desde o tempo em que a leitura e a escrita pertenciam somente a alguns segmentos das camadas privilegiadas. A força das imagens do mal, simbolizadas em polêmicas figuras, desde dragões que expeliam fogo aos demônios criados a partir do século XIII, projetadas em igrejas e conventos, induziam às práticas cotidianas, revertendo-as de um conjunto de sentimentos e emoções entre o medo, devoção, piedade, resignação, amor, adoração, flagelo.

Em tempos de crise provocada por fatores diversos em que as reações humanas se tornam incontrolláveis pelas vias da racionalidade ou da fé, o uso da imagem revelou-se eficaz para dominar o caos e manter a ordem, frente às ameaças do fomento de movimentos revolucionários. Na retomada do Tribunal da Inquisição, no alvorecer dos chamados Tempos Modernos, a Igreja Católica utilizou de estratégias variadas para converter os não cristãos ou reafirmar seu discurso nos dogmas da fé daqueles que, sacudidos por mudanças que marcavam aquele período, ameaçavam abandonar suas crenças e enfraquecer o poder do clero. Os pregadores religiosos,

missionários e integrantes do clero, de maneira geral, reafirmaram suas práticas pela conversão dos infiéis, em um mundo que se tornava secularizado, utilizando a força da imagem e do discurso religioso para a condenação do “outro” que não se afinasse com tais princípios. A Inquisição revestia-se de significados de eficácia imediata, com o propósito de exterminar os hereges, atuava também no inconsciente da multidão, considerando a fragilidade humana, promovendo a conversão do público que assistia à execução do condenado, ao mesmo tempo em que extraía da cena um efeito moral do drama para cada indivíduo que se submetia à mesma sorte.

O zelo pela preservação da fé católica condicionou o uso de estratégias diversas que se aproximavam do exagero o que se configurou na criação da nova *Congregatio de Propaganda Fide*, em 1622, revelando-se um enorme e imprevisível sucesso, no sentido de impressionar as pessoas, comovê-las, na concepção de que as emoções se obtêm de duas formas: com a *magnitudo* e com a *praesentia*, isto é, pela qualidade dos temas tratados e pela vivacidade das descrições. Tratava-se, pois, de reunir esses dois conceitos ou ideias à perfeição, como se faz em uma obra de arte, articulando-as ou combinando seus elementos, cujo resultado final assegurava efeitos espetaculares, particularmente, no campo religioso em que se multiplicavam as confissões generalizadas e manifestações variadas de formas de piedade e devoção.

Em *Testemunha Ocular* (2016), o historiador Peter Burke afirma que um conjunto de imagens pode ser fonte inesgotável de referência sobre o modo de viver dos povos em tempos diversos, à medida que remete para um universo de possibilidades de análise sobre formações sociais, comportamentos, manifestações de emoções e de sentimentos, um campo que vem sendo explorado pela historiografia, mas que está muito presente, também, no mundo da comunicação e da propaganda. O historiador orienta ainda sobre os processos que todo o investigador necessita percorrer para recuperar os possíveis sentidos das mensagens, para além de sua comunicação imediata e explorar o lado oculto que esteve presente nas intenções do autor, bem como o contexto das procedências da linguagem simbólica instituída como ícone na decifração de uma realidade concebida, por vezes, com força de verdade. Sem dúvida, o trabalho com a imagem requer um esforço redobrado, à medida que um testemunho iconográfico pode trazer em si uma dose de mistério por vezes indecifrável ou um quê de transcendência que não se deixa revelar numa primeira leitura, ou quem sabe nunca se revele plenamente.

O sucesso que a iconografia religiosa produziu ao longo dos séculos foi atentamente considerado pelas autoridades interessadas no controle das massas, extrapolando o universo das igrejas, inserindo-se, também, no campo político dos governos clássicos que marcaram o nascimento da sociedade civil, tornando-se uma estratégia utilizada com fins semelhantes. E a eficácia da receptividade se fortalecia, particularmente, em tempos de incertezas, mediadas por conflitos ameaçadores na quebra dos preceitos convencionais em que o público, marcado pelo temor do inesperado, expunha suas fragilidades, o que o tornava o alvo privilegiado das

estratégias do poder.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). *O que é o Contemporâneo?* Chapecó, SC: Argos.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Bethecourt, F. (1994). *História das Inquisições*. Lisboa: Editora Círculo do Livro.
- Braudel, F. (1949). *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Librairie Armand Colin.
- Braudel, F. (1979). *Civilisation matérielle, économie et capitalisme*. Paris: Librairie Armand Colin.
- Burke, P. (2016). *Testemunha ocular*. São Paulo: Unesp.
- Cantalamessa, R. (2010). *O poder da cruz*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Durand, G. (1988). *A Imaginação Simbólica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Eco, U. (1991). *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ática.
- Eliade, M. (1979). *Imagens e símbolos*. Lisboa: Editora Arcádia.
- Eliade, M. (2010). *História das Crenças e das Ideias Religiosas* (Tomo II / Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Hansen, J. A. (1991). *A categoria 'representação' nas festas coloniais dos séculos XVII e XVIII*. In I. Jancsó & Í. Kantor (Orgs), *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa* (pp. 733-755). São Paulo: Imprensa Oficial/HUCITEC/EdUSP/FAPESP.
- Chartier, R. (1991). O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 5 (11), 173-191.
- Joly, M. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Editora Papirus.
- Lubac, H. (1951). *Aspets da Botalhizsne*. Paris. In. Eliade (1979). *Imagens e símbolos*. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Editora Arcádia.
- Luz, G. A. (2007). *Produção da concórdia: a poética do poder na América portuguesa (sécs. XVI-XVIII)*. In. *Revista Varia Historia*, vol.23 n°.38 Belo Horizonte: UFMG (July/Dec).
- Marialva, C. B. (2017). *Tempo, tempo histórico e tempo mediático*. In: Musse, C. F.; Vargas, H.; Nicolau, M. (org.) *Comunicação, mídias e temporalidades*. Compós, EDUFBA.
- Marques, A. H. de Oliveira. (1978). *Historie Du Portugal: des origines à nos jours*. Paris: (s/Ed.).
- Morán, M.; Andres-Gallego, J. (1995). *O pregador*. In. Villari, Rosario (org.). *O homem barroco*. Lisboa: Presença.
- Nogueira, E. (2007). *Obra Nova, caminho de e para a felicidade*. São Paulo: Editora Shalom.
- Nogueira, E. (2014). *Árvore da cruz e da felicidade*. Retirado de <<http://www.comshalom.org/arvore>

da-cruz-e-da-felicidade/>. Acesso 09/01/2018).

Oliveira, D. (2014). *Poder e subjetividade segundo Foucault e Deleuze*. Retirado de < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABHqUAJ/poder-subjectivacao-segundo-foucault-deleuze?part=3> >. Acesso 09/01/2018. (Trata-se de uma dissertação de mestrado).

Rodrigues, A. (2014). *Dicionário crítico de Arte, Imagem, Linguagem e Cultura*. Retirado de < <http://www.arte-coaphp?language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemArte&Menu2=Autores&Slide=107> > Acesso 09/01/2018.

Schlesinger, H. & Porto, H. (1983). *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Ed. Paulinas.

Silveira, J. R. C. da. (2005). A imagem: interpretação e comunicação. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, 5, n. esp., 113-128.

Sperber, D. & Wilson, D. (1995). *Relevance: communication and cognition*. Massachusetts: Harvard University Press.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Critérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0